

MORE THAN JUST ANOTHER BRICK IN THE WALL: OS JOVENS COMO FORÇA MOTRIZ DO PROCESSO DE PEACEBUILDING

Mariana Fonseca Monteiro e Kevin Hacling Alves

RESUMO

Segundo Galtung (1969), os principais afetados pelas diferentes formas de violência – seja ela direta, cultural ou estrutural – e também amortecedores de mudança social são os jovens. Vivenciar traumas como a perda de familiares e amigos, o risco constante à própria vida e o enfraquecimento da sensação de pertencimento a uma rede social, são fatores que podem afetar diretamente a vida daqueles que presenciaram um conflito de grande magnitude. No que diz respeito à juventude, isso se torna ainda mais grave, considerando que este é um momento em que os indivíduos estão se desenvolvendo como pessoa, além de parte integrante e ativa da sociedade. Portanto, tendo esse desenvolvimento freado, seja ele por falta de acesso aos seus direitos fundamentais ou devido a outras consequências dos conflitos, há a possibilidade de que as perspectivas futuras desses jovens como indivíduos e o desenvolvimento de suas comunidades e sociedades sejam gravemente afetadas. Envolver a juventude de maneira positiva, de forma a proporcioná-la um papel de protagonismo na sociedade durante o período de

transição após um conflito violento, se torna um importante meio de alcançar a paz e segurança duradouras (peacebuilding). Jovens, embora muitas vezes subestimados, podem se tornar importantes agentes de mudança no processo de desenvolvimento das suas sociedades. O seu apoio e participação é necessário para o sucesso da operação de manutenção e permanência de uma situação de paz, onde esta venha a se tornar uma realidade duradoura que se estenda a um futuro de longo prazo, e não apenas pontual.

Palavras-chave: Peacebuilding. Juventude. Paz. Conflitos.

ABSTRACT

According to Galtung (1969), the most affected by the different forms of violence - whether direct, structural or cultural - and by social change are youth. Experiencing traumas such as the loss of family and friends, the constant risk to their lives and the weakening of the sense of belonging to a social network, are factors that can directly affect the lives of those who witnessed a conflict of large magnitude. With regard to youth, this becomes

even more serious, considering that this is a time when individuals are developing as a person, as well as an integral and active part of society. Therefore, having this development interrupted, whether by the lack of access to fundamental rights or due to other consequences of conflict, there is the possibility that the future prospects of these young people as individuals and the development of their communities and societies might be seriously affected. Involving youth in a positive way in order to provide them a leading role in society during the transition period after a violent conflict, becomes an important mean of achieving lasting peace and security (peacebuilding). Youth, often underestimated, can become important agents of change in the development process of their societies. Their support and participation is necessary for the success of the maintenance operation and permanence of a state of peace, where it will become a lasting reality that extends to a long-term future, and not only punctual.

Key words: Peacebuilding. Youth. Peace. Conflict

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar-se a discussão propriamente dita, se faz necessário a conceituação de dois termos que são importantes neste trabalho: Juventude e Peacebulding. O conceito de Juventude ainda é difícil de ser definido, sendo constantemente usado de forma errônea como sinônimo de adolescência, e, além disso, diferentes instituições têm diferentes respostas a cerca do que é ser jovem. Segundo Coimbra (2005), a adolescência está ligada a uma lógica desenvolvimentista, ou seja, a um processo pelo qual os indivíduos passam e nele surgem questões ligadas à

sexualidade, independência, carreira profissional, identidade, etc. O mesmo autor vem dizer que “(...) o conceito de juventude nos faz pensar no sujeito como um ser constituído e atravessado por fluxos, devires, multiplicidades e diferenças” (COIMBRA, 2005). Ou seja, o jovem apresenta-se como um ser em formação e com poder de transformação enquanto indivíduo integrante de uma sociedade. Observa-se, porém, um problema quando tratamos todos os jovens por um único ponto de vista, englobando-os em uma grande caixa falando apenas “da juventude”. A problemática surge à medida que observa-se que o jovem de Londres é diferente e tem acesso a diferentes oportunidades e perspectivas daquele jovem de Gana na África, por exemplo. Uma olhada quase que superficial e sem muito aprofundamento permite concluir que as diferenças e as pluralidades existem entre aqueles que são considerados jovens pelo o mundo, e seria demasiado simplório falar “da juventude”, quando na verdade existem “as juventudes”, afinal, não há singularidade nesse termo, mas sim pluralidade.

Feitos os devidos esclarecimentos acima acerca do conceito de juventude, aqui será utilizado o da ONU (Organização das Nações Unidas), organização que definiu como jovem uma pessoa que está entre os 15 e os 24 anos de idade (BENNETT et al., 2012). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que adolescente é o indivíduo entre 12 e 18 anos incompletos. Já o termo jovem costuma ser utilizado para designar a pessoa entre 15 e 29 anos, seguindo a tendência internacional.

Por sua vez, peacebulding — ou construção da paz, em português — é um processo que tem como objetivo reconstruir a estrutura de um Estado que esteve em situ-

ação conflituosa, trabalhando nas causas que geraram aquele conflito, para se eliminar as possibilidades de que ele volte a acontecer. Criando, dessa forma, um ambiente de paz duradoura. Além disso, é uma das operações-padrão de paz da ONU.

Durante a guerra fria, devido ao constante veto dos Estados Unidos e União Soviética no Conselho de Segurança das Nações Unidas, as atividades ligadas à área de paz e segurança estiveram paralisadas. Para tentar reverter isso, a ONU procurou executar suas funções de manutenção da paz internacional através de ações de *peacekeeping*, que nesse período tinham os objetivos limitados a funções militares, como manter o cessar-fogo e estabilizar situações em terra, para que então esforços fossem feitos no nível político de forma a resolver o conflito por meios pacíficos (UN Peacekeeping Operations, 2008). Foi com a maior aproximação entre Estados Unidos e URSS, no fim dos anos 1980, que estes começaram também a distanciar-se das *proxy wars*¹ por perceberem que não se tratava mais de prioridades dentro dos seus interesses estratégicos. Abrindo, assim, oportunidade para que as Nações Unidas conseguissem assumir o seu papel de responsabilidade de manutenção da paz e segurança internacionais de maneira mais eficaz.

Fatores contextuais no fim da década de 1980, o ambiente encorajador dentro das Nações Unidas e a experiência institucional em quase 50 anos conduzindo operações de paz proporcionaram a possibilidade do então Secretário-Geral incluir o conceito de *peacebuilding* no seu relatório.

De acordo com o “An Agenda for Peace: Preventive diplomacy, peacemaking and *peacekeeping*” do então secretário-ger-

al Boutros-Ghali em 1992, *peacebuilding* consiste num grande leque de atividades associadas à capacidade de construção, reconciliação e transformação social. Essas atividades abrangem pelo menos quatro áreas críticas: restaurar ao Estado a capacidade de prover segurança e manter a ordem pública; fortalecer o papel da lei e o respeito aos direitos humanos, apoiar o surgimento de instituições políticas legítimas que participem do próprio processo de construção da paz; e promover recuperação e desenvolvimento social e econômico, inclusive daqueles indivíduos deslocados devido aos desdobramentos do conflito. Ou seja, dar um fim ao conflito não se mostra como o passo final e desfecho da operação de paz e, segundo Boutros-Ghali (1992), há a necessidade de edificar tanto a paz, quanto um ambiente onde a paz seja parte do cotidiano do local e das pessoas que estavam em situação conflituosa. É possível, a partir da afirmação de Boutros-Ghali, fazer-se uma fácil analogia com os estudos de Johan Galtung sobre resolução de conflitos e estudos de paz. Esse autor afirma que existem dois tipos de paz e as caracteriza segundo as seguintes nomenclaturas: a positiva e a negativa. Diferente das conclusões feitas segundo o sentido das palavras ou sem um estudo mais aprofundado, essas categorias não dizem respeito a uma paz boa e outra ruim, ou a uma que deve existir e outra que não deve. Em sua análise acerca da transformação de conflitos e estudos de paz, Galtung (1969), esboça a paz negativa como aquela presente em um âmbito onde não há violência direta e visível, geralmente, caracterizada por agressões físicas. Por sua vez, a paz positiva seria aquela em que há a ausência de violências de caráter estrutural e cultural e onde os indivíduos encontram-se em estado de bem-estar físico e social, com

¹ Proxy war ou guerra por procuração é um conflito armado no qual dois países se utilizam de terceiros como intermediários ou substitutos, de forma a não lutarem diretamente entre si.

oportunidades de desenvolvimento seguras e sustentáveis (sustentável aqui como um termo relacionado à estabilidade e ao resguardo do indivíduo, da sociedade e do globo).

Assim, o peacebuilding teria como objetivo último uma mudança no ambiente que outrora fora conflituoso, tentando mudá-lo de uma situação de paz negativa (sem o conflito explícito) para uma conjuntura que proporcione uma condição de paz positiva, onde esta última mostra-se como algo duradouro e, mais do que parte do cotidiano, mas também como parte integrante das perspectivas de futuro dos indivíduos.

A Alliance for Peacebuilding define o termo como:

[...] grupo de iniciativas de diversos atores do governo e da sociedade civil, para se dirigir às causas originárias de violência e proteger os civis antes, durante e após o conflito violento. Peacebuilders usam a comunicação, negociação e mediação invés da beligerância e violência para resolver conflitos. A construção efetiva da paz é multi-facetada e adaptada a cada ambiente de conflito. Não há um caminho para a paz, mas vias estão disponíveis em todo ambiente de conflito. Peacebuilders ajudam beligerantes a encontrar uma via que irá permiti-los resolver suas diferenças sem derramamento de sangue. O objetivo do peacebuilding é reduzir e eliminar a frequência e gravidade dos conflitos violentos. (Dambach, 2011)

IMPACTO DOS CONFLITOS NA JUVENTUDE

Segundo Goldstone (1991), revoluções têm historicamente uma maior prevalência em países com grande populações de jovens. Abordagens com a visão de que jovens do sexo masculino são os principais protagonistas de violências políticas e criminosas tornaram-se comuns, teorias de *youth*

*bulge*² se propagaram na literatura e mídia, com a ideia de que o aumento dessa população jovem masculina, associada ao desemprego e à urbanização, estavam levando a um aumento da violência e insegurança. Jovens criados em uma cultura de violência e que foram vítimas diretas dela, tendem a usá-la como forma de lidar com o conflito, e, portanto, se tornam mais vulneráveis ao recrutamento por grupos armados. Incentivos materiais também podem vir a desempenhar um importante papel na motivação dos jovens para se envolver com a violência.

De acordo com a Inter-Agency Network on Youth Development Working Group on Youth and Peacebuilding (2016), indivíduos jovens (segundo a perspectiva de idade da ONU) continuam a ser parte majoritária em exércitos nacionais, grupos armados, milícias, gangues e grupos extremistas. Esse apontamento sugere que existem algumas razões pelas quais jovens homens e mulheres entrem e passem a integrar forças armadas e outros grupos. O principal deles, segundo a mesma fonte, trata-se diretamente do processo em que o jovem encontra-se quando está nessa fase da vida. Como foi dito acima, a juventude é um o momento onde o indivíduo está passando por um momento tanto de formação (enquanto pessoa integrante da sociedade), quanto de transformação nos aspectos físicos e psicológicos. Assim, jovens podem ser mais vulneráveis ao recrutamento de grupos armados devido a sua mudança biológica, psicológica e social – deixando claro que essa ideia não segue uma linha determinista. Outro motivo aparente que “motiva” jovens indivíduos a entrarem em processos de violência são incentivos materiais e não materiais que são postos a eles nesses ambientes.

² Teoria do crescimento populacional jovem. Para mais informações veja: The effects of youth bulge on civil conflicts. Lionel Beehner, 2007

De acordo com Del Felice e Wisler (2007), altas taxas de desemprego e desigualdade, mesmo em países onde não haja conflitos armados em grande escala, por exemplo, levam à criação de gangues urbanas. Os jovens unem-se com o objetivo de proteger uns aos outros de outros grupos e criar fontes de renda, na maioria das vezes, através de atividades ilegais (tráfico de armas e/ou drogas). A identidade da gangue é definida e seus membros possuem um senso de família e proteção de uns aos outros a todo custo. Além disso, pesquisas mais recentes³ têm mostrado a ligação entre nível social, exclusão política e econômica, além da falta de oportunidades desenvolvimentistas encaradas pelos jovens; assim, esses males enfrentados pelos jovens podem levar alguns deles a entrarem na violência, inclusive utilizando a mesma como meio de obtenção de status perante outros grupos ou dentro da própria sociedade local. Por fim, levando em conta os processos biológicos e psicológicos pelos quais os jovens passam, percebe-se que o processo de formação de identidade enquanto indivíduo e o senso de pertencimento a um grupo são importantes para esses indivíduos, especialmente nesse momento de vida. Em contextos que são baseados ou próximos da violência existe a possibilidade dos jovens entrarem para gangues e grupos armados no intuito de se afirmarem como indivíduos e compartilhem de uma identidade de grupo, mesmo que essa última venha a ser de origem de grupos violentos e que

3 Ver em: The Middle East: D. Salehi-Isfahani and N. Dhillon, "Stalled Youth Transitions in the Middle East: A Framework for Policy Reform", The Middle East Youth Initiative, Wolfensohn School of Government/Dubai School of Government, 2008; and on Rwanda: M. Sommers, Stuck: Rwandan Youth and the Struggle for Adulthood (Athens, Georgia, 2012). Note the idea that the transition to adulthood is "stalled" does not necessarily mean that young people are not taking on any adult roles. Indeed, in many contexts young people may take on some adult responsibilities – such as generating an income for their family – at a very young age.

demandem ações igualmente violentas. Ou seja, esses motivos alinhados aos fatos sociais e às falhas quanto à assistência ao jovem influenciam o comportamento de indivíduos que encontram-se em fase de transformação.

Além de – em alguns casos e sob certas circunstâncias – os jovens desempenharem o papel de ativos em processos de conflito e violências, é a juventude que, talvez, sofra de forma mais perceptível em situações de conflito e pós conflito. De acordo com Abayomi (2004), até 2002 conflitos armados em todo o mundo tinha deslocado aproximadamente 6.6 milhões de jovens. Segundo o mesmo autor, esses jovens teriam sido deslocados de suas casas e comunidades devido aos desdobramentos dos conflitos, além de serem expostos à violência e encararem dificuldade extremas para sobreviver.

Indivíduos jovens comumente encaram dificuldade adicionais [devido às situações de violências as quais são expostos], tais como falta de educação, cuidado com a saúde, proteção, oportunidades de vida, atividades recreativas, amizades e apoio familiar. (Youth and Peacebuilding USIP, 2011)

Assim, a juventude pode ser vítima, testemunha e perpetuadores de situações de conflito. Dessa forma, há uma ideia de que deve-se acontecer uma mobilização em prol do protagonismo do jovem enquanto agente de destaque no processo de resolução de conflito e construção da paz. Isso é dito e identificado justamente devido ao fato de que a juventude encontra-se em uma fase de vida desenvolvimentista e de formação pessoal capaz de abarcar diferente ideais e perspectivas. O contato dessa parcela da sociedade com ideias de transformação de situações conflituosas e mecanismos de introdução de paz duradoura dentro das próprias realidades deve

acontecer de forma quase que inquestionável.

A juventude é tradicionalmente vista como um dos meios mais dinâmicos da sociedade. Isso é dito porque jovens comumente desempenham um importante e até dominante papel em movimentos sociais e são, normalmente, a força motriz por trás dessas mudanças. (GLINKSKI, 1998)

A motivação para integrar os jovens em questões de paz e segurança nasce principalmente da percepção da juventude como uma potencial ameaça à segurança, e não de um desejo de fato de trabalhar com os jovens como parceiros⁴. Existe também uma tendência da parte dos tomadores de decisão em falar sobre a juventude, mas não trabalhar com ela. Governos e instituições precisam reconhecer as necessidades e aspirações dos jovens para assegurar sua participação significativa nos processos de consolidação da paz, oferecendo vias consideráveis para que os jovens possam moldar o futuro dos seus países.

OS JOVENS NO PROCESSO DE PAZ

Jovens podem desempenhar diversos papéis no contexto pós conflito, com seu caráter pró ativo em suas comunidades, escolas, grupos e universidades, eles podem variar entre ativistas políticos, negociadores e mediadores além de atores-chave para segurança e justiça. Ao envolver a juventude de forma positiva e dar a ela uma efetiva participação durante o período de transição após o conflito, os jovens podem se transformar em importantes agentes de mudança no desenvolvimento de suas comunidades. Como afirmado por McEvoy (2001):

⁴ UN Youth. Youth and Armed Conflict, United Nations, p.1

Em qualquer contexto de conflito que seja examinado, a presença dominante de jovens nos trabalhos de juventude, no desenvolvimento da comunidade, em inter étnicos e em grupos de diálogo de paz é clara. Muitos têm experiência direta de violência, conflito e prisão. Eles não são bem pagos, seus projetos são subfinanciados, muitas vezes estressantes e podem os colocar em situação de risco a sua vida. Como outros atores da sociedade civil, são também menos visíveis na análise dos processos de paz do que outras elites chave.

McEvoy afirma também que os jovens são os principais agentes no desenvolvimento de comunidades, estando na linha de frente da construção da paz.

Isso se explica por diversos fatores, como a sua grande abertura a mudanças, que dá aos jovens um maior potencial a ter visões de mundo, mais compassivas e dialógicas. Eles e elas possuem uma maior ansiedade para experimentar novas estratégias, e não são tão ligados a qualquer verdade específica, como adultos que muitas vezes já possuem um discurso dogmático. Galtung⁵ afirma que:

Os jovens estão à procura de novas ideias e aberto a novos desafios, enquanto os adultos já formaram seus discursos dogmáticos. Eu vi isso centenas de vezes na minha vida. Em processos de construção da paz, os jovens devem se reunir, e melhor ainda, as mulheres jovens devem se reunir.

A juventude também está mais voltada para o futuro, mesmo que não tenha testemunhado a guerra diretamente, ela herda o passado de outras gerações e vai conviver com as consequências do conflito. Por isso, os jovens estão mais dispostos a tentar novas alterna-

⁵ Johan Galtung, 11 de Maio de 2005, palestra na European University Centre for Peace Studies, Austria.

tivas, e tentar superar o passado, tendo uma facilidade maior do que aqueles que estavam diretamente ligados ao conflito. Como apontado por McEvoy (2001), no longo prazo, a resistência de um acordo de paz vai depender da aceitação ou não das próximas gerações, de como elas são socializadas durante o processo de paz e suas percepções do que aquele processo tem conseguido alcançar.

O poder dos jovens de lutar por um ideal também caracteriza-se como um diferencial a seu favor. Eles têm mais tempo para desenvolver ideias, pensar, ler, se envolver em diferentes grupos ativistas e buscar soluções para resolver problemas antigos de formas inovadoras. A natureza mais propensa à tomada de riscos, em conjunto com situações em que se acredita que não possa vir a piorar, os torna mais corajosos, especialmente se outros acreditarem que a mudança é impossível. O potencial e poder dos jovens precisa ser desenvolvido para garantir um processo de mudanças, suas prioridades são diferentes e a diversidade de perspectivas as trazidas pelo grupo deve ser considerada; devendo a sua participação ser encorajada em todos os níveis, tanto locais em suas comunidades, como nacionais e internacionais.

A resolução 2250, adotada pelo Conselho de Segurança da ONU (CSNU) em 2015, fez história ao focar pela primeira vez completamente no papel dos jovens durante o processo de *peacebuilding* e na contenção do extremismo violento, mostrando a necessidade fundamental e urgente de engajar a juventude na promoção da paz. A resolução também requer que os Estados pensem maneiras de aumentar a representação inclusiva de jovens nos processos de decisão em todos os níveis, e oferecer mecanismos para prevenção e resolução de conflitos em parceria com jovens.

O processo de *peacebuilding* torna-se

mais efetivo quando parte daqueles que estão envolvidos no âmbito local, missões externas de *peacebuilding* acabam por interferir a ponto de subestimar a capacidade do próprio sistema local em se organizar. Esses agentes externos impõem modelos e sistemas a serem seguidos que dizem respeito a seus próprios tipos ideais, negando durante esse processo espaço para que as sociedades desenvolvam suas próprias instituições de acordo com sua história, cultura e contexto. Portanto, é importante que se mantenham soluções ligadas ao contexto local do país, e a juventude aja como um dos atores necessários para garantir esse processo. A partir da análise de alguns exemplos acima citados nos quais os jovens foram envolvidos em processos de paz (e em tantos outros exemplos factíveis pelo mundo⁶) percebe-se que a juventude tem mostrado a capacidade de desenvolver respostas criativas à violência e, sem sombra de dúvidas, um papel de protagonismo na transformação de contextos conflituosos à situação de paz.

Além desse poder mobilizador do qual a juventude dispõe, deve-se também lembrar que os jovens são os mais afetados em situações de conflito e o que delas são gerados (falta de promoção de educação, saúde, e, obviamente, a perda de vida de familiares e amigos desses jovens). Assim, há a ideia de que a juventude — além de seu poder mobilizador/transformador já mencionado — seria a principal parcela social interessada em ultrapassar tais situações que a denigrem e denigre o seu nicho de sociedade, além de tentar construir um ambiente de paz duradouro e que proporcione a todas expectativas desenvolvimentistas e seguras de vida.

Dessa forma, os jovens atuando como *peacebuilders* estarão, então, promovendo

⁶ Para outros exemplos, acessar: https://www.sfcg.org/wp-content/uploads/2012/01/NEP_CA_Jan12_

[Youth-and-Peacebuilding.pdf](#)

algo que está sendo comumente chamando de *peacebuilding from below*, o que em uma tradução livre significa algo como “construir a paz por baixo”, ou seja, por quem está dentro do conflito ou naquela sociedade em particular. Assim, o *peacebuilding* não seria apenas empregado por Estados e autoridades estatais ou organizações das Nações Unidas que estão localizadas fora da sociedade em situação de conflito, mas também por membros integrantes daquela sociedade (ODA, 2007).

JUVENTUDE E PEACEBUILDING: CASOS EMPÍRICOS

De forma a dar sustentação às ideias aqui levantadas quanto ao importante papel do jovem enquanto força motriz e capaz de transformação de realidades conflituosas, serão apresentados neste trabalho casos reais em que a juventude teve papel fundamental na transformação e implementação da paz em suas comunidades através do engajamento em processos de *peacebuilding*. Esses processos incluem jovens criando pontes entre comunidades, trabalhando juntos, educando uns aos outros, ajudando a lidar com o conflito e promovendo a paz. Tais iniciativas (em suas mais diferentes magnitudes) podem passar despercebido, mas jovens são *stakeholders*⁷ vitais em processo de resolução de conflito e *peacebuilding* (US Institute of Peace, 2015).

1. O Instituto de Paz dos Estados Unidos, (USIP, em inglês) trabalha junto à juventude em zonas de conflito ao redor do mundo. No Sudão do Sul, o USIP PeaceTech lançou uma iniciativa em colaboração com a Sudão do Sul Voz Free

para solucionar conflitos existentes criando uma rádio baseada na juventude. *Sawa Shabab* (Juventude Unida) foi pensada para ajudar cidadãos jovens daquele país a entenderem seus próprios potenciais enquanto indivíduos, respeito às suas diferenças e encontrar suas semelhanças.

2. No Iraque, *Salam Shabab* (algo como Juventude da Paz) foi o primeiro programa de televisão da vida real a promover o empoderamento da juventude iraquiana. Filmado e produzido no Iraque, cada temporada de *Salam Shabab* acompanhou 54 jovens iraquianos de seis diferentes províncias enquanto eles produziam seus próprios pequenos filmes, performavam no palco e utilizavam trabalho em equipe para ganhar desafios físicos e mentais. Essa iniciativa obteve reconhecimento internacional, uma vez que colocou juntos jovens de diferentes províncias para trabalharem juntos e encontrarem laços de similaridades entre eles mesmos.

3. Outra iniciativa é o Geração Mudança do USIP, que é uma rede global dirigida à juventude dedicada ao desenvolvimento da próxima geração de líderes ao redor do globo. Esse programa fornece um sistema de apoio, treinamentos e fontes de pesquisa para jovens *change-makers* espalhados entre o Oriente Médio e a África. Durante treinamentos regionais, os jovens participantes constroem relações, aprendem sobre os estilos de conflito⁸ em que eles e elas estão inseridos e formas de resolução desses conflitos.

⁷ Qualquer pessoa ou organização que tenha interesse, ou seja, afetado por um projeto.

⁸ Mais informações acerca dos estilos de conflito, ler em: CONFLICT STYLES ASSESSMENT <http://www.buildingpeace.org/conflict-styles>

4. O USIP também realiza treinamento para jovens que são politicamente ativos nos países em que o instituto trabalha - por exemplo, em 2013, foi realizada uma sessão de gestão de conflitos de um dia para jovens membros de partidos políticos do Paquistão e ao Parlamento de Jovens Paquistaneses em Islamabad, o que concluiu uma série de oficinas de capacitação e recebeu um feedback muito positivo.

5. Wajir é um distrito localizado no nordeste do Quênia, na África, e esse distrito era bastante violento devido aos conflitos originários de dois grupos rivais da região. Algumas mulheres do distrito (devido à necessidade de se alimentar e alimentar suas famílias) acordaram com os líderes dos grupos rivais que os supermercados deveriam ser uma “zona livre de violência”; ou seja, naquela localidade, qualquer pessoa teria o direito de ir, comprar e vender produtos. Dessa forma, aos poucos, a distrito foi presenciando pequenas experiências de paz devido ao engajamento das mulheres. Logo em seguida a questão tornou-se em como engajar a juventude no processo de apaziguamento (principalmente os jovens homens que estavam escondidos lutando pelos seus respectivos grupos). As mulheres e alguns anciões do distrito encontraram-se com representantes dos jovens do distrito e formaram o que ficou conhecido como Youth for Peace – Juventude para a Paz. Dessa forma, as mulheres juntamente com esses jovens começaram não apenas a se encontrar com aqueles jovens que estavam no conflito, lutando; mas também a viajar pelo distrito dando palestras públicas às mães e a jovens. Assim,

tanto as mulheres quanto os líderes jovens perceberam que a chave da preocupação estava relacionada com a questão do emprego. Armas, lutas e os conflitos tinham significativo benefício econômico devido principalmente ao tráfico. Ou seja, se os jovens – devido às palestras e conversas com aqueles representantes acima citados – estavam deixando as armas de lado, bem como os conflitos, eles precisariam de algo para ocupar o seu tempo. Assim, a parcela do distrito que relacionava-se com o negócio engajou-se junto com os jovens na iniciativa, de forma que empregos locais foram oferecidos e, aos poucos, o conflito foi demonstrando queda no distrito e as situações de sensação de paz passaram a ser mais rotineiras.

Além desses exemplos, ainda existem muitas organizações que trabalham com jovens e construção da paz. Bennett (et al., 2012) vai afirmar que:

[...] essas organizações locais têm se centrado no desenvolvimento de capacidades de transformação e construção a paz. A capacidade da juventude foi habilitada concentrando-se em treinamentos baseados tanto em competências como em habilidades sociais. Para treinamentos baseado em habilidades, os jovens desenvolvem habilidades técnicas de acordo com as suas necessidades. Os treinamentos baseados em habilidades orientam à vocação sendo conduzidos a ajudar os jovens a melhorar as suas competências enquanto engajam-se em atividades geradoras de renda. Treinamentos de habilidade estão focados na promoção da liderança, papéis positivos da juventude e em aumentar o seu envolvimento em atividades sociais ligadas às questões sociais. Alguns programas são destinados a ajudar os jovens através da capacitação ao colocá-los envolvidos em uma participação significativa nos proces-

tos de tomada de decisão e mitigação de conflitos. A maioria da programação está voltada, obviamente, à juventude e construção da paz, onde existem treinamentos e desenvolvimento de capacidades.

Assim, percebe-se que a noção de desenvolvimento das ideias promovida por algumas organizações ligadas a, por exemplo, segurança financeira que proporcionará bem-estar (emprego, renda) para jovens indivíduos acaba por, pelo menos *à priori*, tentar mitigar possíveis situações conflituosas que viriam a acontecer em áreas já sujeitas ao conflito.

CONCLUSÃO

A atuação dos jovens no processo de peacebuilding, mobilizando de forma ativa no intuito de transformar a realidade torna-se de extrema importância para garantir a melhor efetivação do processo de paz, jovens que foram diretamente afetados por conflitos violentos e que cresceram imersos em culturas e estruturas violentas são capazes de desafiá-las de maneira a ultrapassar tais conflitos e iniciar o processo de criação de um ambiente sustentável e de paz duradoura. Para assegurar a maior participação da juventude, é preciso que se evite conceituá-la imediatamente como vítima ou perpetradora, pensando sempre que a sua realidade vai além desses conceitos, e que o reducionismo à tais juízos acabam não sendo fieis às mais diversas realidades da juventude.

Garantir oportunidades econômicas, prover empregos e oportunidades educacionais para a juventude são fatores relevantes para garantir que estes não se vejam em situação de inclinação propensa a se unirem a grupos violentos em momentos de instabilidade. Dessa forma, percebe-se a importân-

cia de um ambiente seguro e sustentável que proporcione o sentimento de realidade de paz positiva no sentido galtungniano. O bem-estar da juventude, assim, certamente assegurará um melhoramento da vivência social, uma vez que os mesmos terão acesso a meios e mecanismos que não apenas os deixem com o mínimo de satisfação e qualidade de vida, mas também poderão proporcionar tais satisfações para aqueles que já não poderiam, por si só fazê-lo, como por exemplo entes familiares mais velhos. Fica claro como o senso de pertencimento (seja à família, à comunidade, etc) é importante e tem implicações diversas.

Uma abordagem mais coordenada que foque nas necessidades da juventude e em como torná-la parte do processo de peacebuilding terá mais sucesso no que diz respeito à vontade de aumentar um maior envolvimento positivo do grupo nesses processos. Atividades recentes, como a resolução 2250 do CSNU mostram que há uma tendência geral em relação a aumentar a participação da juventude nos processos de peacebuilding, tendência essa que com esforço suficiente tem o potencial para aumentar e melhorar situações conflituosas. Mais uma vez fica clara que a abordagem mais tradicional das noções de peacebuilding (intervencionistas por parte de outros Estados e/ou através de missões da ONU) não é suficiente *per si*. O envolvimento daqueles que estão dentro de realidades particulares, as conhecem e compreendem suas particularidades mostra-se não apenas como um fator que melhorará a eficiência do processo de peacebuilding, mas também como algo necessário. O empenho da juventude nesses processos trará mais segurança inclusive para aqueles que vivenciam aquela realidade, uma vez que o movimento de transformação vai partir de dentro, e não como algo vin-

do de fora como uma resposta, uma “receia médica” que resolverá uma doença alheia.

Por fim, percebe-se a necessidade de intensificar a inclusão de jovens em processos de paz. A ideia *mainstream* que jovens estão quase que alheios às situações políticas e aquelas ligadas às suas sociedades deve deixar de ser tida como verdade absoluta. Deve-se, portanto, consolidar a ideia de agência de mudança da qual a juventude é capaz de realizar através de diversos mecanismos; e, mais ainda, deve haver mecanismos que assegurem os jovens oportunidades que os/as tornem partes motrizes que desenvolvam suas sociedades tanto nos âmbitos econômicos e políticos, tanto naqueles que necessitam de resolução de conflitos e construção da paz.

REFERÊNCIAS

ABOYOMI, Francis. **The Role of Youth In Peace Building**. Disponível em: < http://respectrefugees.org/ezone/2004/ezone20040528_youth.shtml > Acesso em 15/04/2016.

BEEHNER, Lionel (2007). **The Effects of ‘Youth Bulge’ on Civil Conflicts**. Disponível em < <http://www.cfr.org/world/effects-youth-bulge-civil-conflicts/p13093> > Acesso em 15/04/2016.

BENNET, R.; KARKI, S.; NEPAL, N. (2012) **Youth and Peacebuilding in Nepal: The current context and recommendations**. Disponível em: < https://www.sfcg.org/wp-content/uploads/2012/01/NEP_CA_Jan12_Youth-and-Peacebuilding.pdf > Acesso em 20/04/2016.

CAVALCANTE, Fernando (2010). **As origens conceituais da construção da paz das Nações Unidas**.

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. (2005). **Subvertendo o conceito de adolescência**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1,(pp. 2-11).

DAMBACH, Chic. **What is Peacebuilding?** Disponível em: < <http://www.allianceforpeacebuilding.org/?page=aboutpeacebuilding> > Acesso em 12/04/2016.

DE CONING, Cedric. **Understanding Peacebuilding as Essentially Local**. Disponível em: < <http://www.stabilityjournal.org/articles/10.5334/sta.as/> > Acesso em 30/04/2016.

DEL FELICE, C.; WISLER, A. **The Unexplored Power and Potential of Youth as Peace-builders**. Disponível em: < http://www.creducation.org/resources/Power_and_Potential_of_Youth_as_Peace-Builders.pdf > Acesso em 12/04/2016.

GALTUNG, Johan (1969). **Violence, peace and peace research**. Journal of Peace Research. Oslo, v. 6, n. 3, (p. 167-191).

General Assembly: Security Council, 1992. Disponível em: < http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/47/277 > Acesso em 20/04/2016

GOLDSTONE, Jack A. (1991) **Revolution and Rebellion in the Early Modern World**. Berkeley, CA: University of California Press.

LEDERACH, John Paul. (2005) **The Moral Imagination**.

MCEVOY, Siobhán. (2001) **Youth as Social and Political Agents: Issues in Post-Settlement**

Peace Building, p. 25.

Disponível em: < <https://www.ciaonet.org/attachments/10915/uploads> > Acesso em 22/04/2016.

ODA, Hiroshi. **Peacebuilding from Below: Theoretical and Methodological Considerations toward an Anthropological Study on Peace.**

Disponível em: < <http://eprints.lib.hokudai.ac.jp/dspace/bitstream/2115/20475/1/ODA.pdf> > Acesso em 30/04/2016

Security Council: Resolution 2250 (2015). Disponível em: < http://www.un.org/en/sc/ctc/docs/2015/N1541306_EN.pdf > Acesso em 12/04/2016.

UN Security Council Adopts Historic Resolution on Youth, Peace and Security.

Disponível em: < <http://www.un.org/youthenvoy/2015/12/un-security-council-adopts-historic-resolution-on-youth-peace-and-security/> > Acesso em 29/04/2016.

United Nations Peacekeeping Operations: Principles and Guidelines, 2008.

United States Institute of Peace: Youth and Peacebuilding. Disponível em < <http://www.buildingpeace.org/think-global-conflict/issues/youth-and-peacebuilding> > Acesso em 22/04/2016.

Young People's Participation in Peacebuilding: A practice note, 2016.